
JAZZ
26 JUNHO '07
MÁRIO
LAGINHA
TRIO

Concerto de apresentação do álbum “ESPAÇO”

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos



TER 26 JUNHO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H20 · M/12

INTEGRADO NOS ENCONTROS ARQUITECTURA E MÚSICA DA TRIENAL DE ARQUITECTURA DE LISBOA

Piano Mário Laginha
Bateria Alexandre Frazão
Contrabaixo Bernardo Moreira

Co-produção Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007 e Culturgest

Uma viagem que fiz com o José Mateus durante um fim-de-semana a algumas obras emblemáticas da arquitectura portuguesa serviu para confirmar que muitos dos termos utilizados no universo da arquitectura são comuns aos utilizados no universo musical. Achei que isso seria um bom ponto de partida na concepção desta música. Espaço, ou a ausência dele, estruturas regulares e irregulares, linhas contínuas e descontínuas, superfícies planas ou distorcidas são alguns dos conceitos que serviram como motivo para a composição dos temas deste trabalho.

Poderão dizer que a música deste álbum não é tão diferente assim daquela que eu tenho feito até aqui. Espero bem que não. Mas posso garantir que sem o estímulo da arquitectura não seria a mesma.

MÁRIO LAGINHA, MAIO DE 2007

Em Portugal, onde este território [entre arquitectura e música] parece ser ainda pouco explorado, já assisti a incursões de músicos como Emmanuel Nunes, ou de os Miso Ensemble. Mário Laginha é um músico com formação e produção bastante diferentes, com o qual discuti episodicamente as inúmeras ligações entre as duas artes, desde os aspectos metodológicos, às frequentes analogias conceptuais. Por estas razões, e pela sua transcendente capacidade ramificadora, como uma árvore que assenta raízes em diferentes solos, decidimos convidá-lo a compor uma obra exploratória deste tema, para ser tocada na 1ª Trienal de Arquitectura de Lisboa 2007.

Há aspectos comuns [entre as duas artes] que podemos descrever racionalmente, como a estrutura rítmica, as pausas, os padrões, as variações, a profundidade, ou a espacialidade. Outros não são tão óbvios, como o poder de uma música nos remeter para determinados géneros de arquitectura, tipos de espaços ou certas “atmosferas”. Porque é que uma música nos remete para uma catedral, quando outra nos transporta para a mais movimentada e cosmopolita avenida de uma cidade?

No momento em que escrevo ainda não escutei um único acorde, mas vou reconhecendo, no brilho dos olhos do Mário, o seu entusiasmo pela obra que aos poucos toma forma.

JOSÉ MATEUS, 22 DE ABRIL DE 2007
Comissário Geral da Trienal

Todo o compositor é um arquitecto, dado que também ele concebe estruturas habitáveis. As mediações são diferentes, pois o compositor trabalha com sons e o arquitecto com paredes. Com uma particularidade relativamente ao primeiro – este deve ter sempre em conta as paredes, ou a sua ausência quando uma determinada composição se destina a ser apresentada ao ar livre, enquanto o arquitecto só cuida dos sons quando está a projectar um auditório. Seja como for, em ambos os casos quem vai ocupar os espaços criados, literal ou metaforicamente, são as pessoas, mas o certo é que nós, melómanos e utilizadores de edifícios, não somos apenas os destinatários da música e da arquitectura. Estamos na sua origem e no seu centro, pelo que toda a obra musical e toda a construção são feitas à nossa medida – antes da música, antes da arquitectura, estão a nossa anatomia e a nossa psique, uma e outra factores daquilo a que se chama “condição humana”. A música e a arquitectura que foram sendo criadas ao longo dos tempos tomaram as características que conhecemos porque temos este corpo e não outro e porque o nosso cérebro e o nosso sistema nervoso funcionam como funcionam. Se houver seres inteligentes em outros planetas com condicionamentos físicos e biológicos distintos dos nossos, ou seja, com outros corpos e outras mentes, natural será que a música que façam e as casas que habitarem tenham outras configurações.

Quer isto dizer que a questão é bem mais complicada, em toda a sua relatividade, do que aquela exposta por Xenakis quando propôs uma músico-arquitectura. O compositor e arquitecto

lusu-brasileiro Emanuel Dimas de Melo Pimenta tem manifestado que nos dois âmbitos o que há é organização lógica, e apenas isso. O que serve a uma, serve à outra. Na sua perspectiva, ocorre nos sistemas musicais e nos sistemas arquitectónicos um muito semelhante processo de formação de “patterns” sensoriais: “O ser humano é o espelho de si mesmo: quando exterioriza informação, projecta em ‘outputs’ sensoriais as pressões ambientais que sofreu.” É indiferente que a música seja uma arte e uma técnica do tempo e a arquitectura uma disciplina que reúne as artes e as engenharias do espaço. A arquitectura não é coisa imóvel e a música algo de necessariamente móvel – afinal, há espaços móveis no mundo de hoje e quando a música é gravada em disco fica imobilizada. Acresce que uma boa parte dos investimentos musicais na segunda metade do século XX e nestes primeiros anos do XXI consiste na, ainda que ilusória, suspensão do tempo e substituição deste imperativo por factores de ordem espacial, o que, aliás, trouxe para a música um bom número de artistas visuais – o minimalismo foi um exemplo e é-o agora alguma electrónica dita experimental.

Quando a organização da Trienal de Arquitectura encomendou a Mário Laginha um projecto de concerto e de disco, não estava implícito que este pianista e compositor de *jazz* tivesse de adequar os seus conceitos musicais à arquitectura. A música que ouviremos no palco principal da Culturgest e que se encontra no CD *Espaços* não se distancia muito daquilo a que Laginha já nos habituou. As estruturas regulares



e irregulares, as linhas contínuas e descontínuas, as superfícies planas ou distorcidas que iremos ouvir são as mesmas que o vêm preocupando desde sempre – a única diferença será, porventura, uma maior consciencialização desses parâmetros, tanto na perspectiva do músico quanto na nossa, até porque, como salienta Dimas Pimenta, “há intervenção do ouvinte no discurso musical, assim como há intervenção do utente no espaço arquitectónico”. Estruturas, linhas, superfícies: é ao lidar com tais parâmetros que o compositor se iguala ao arquitecto, e que ambos agem sobre os mesmos factores que determinam a actividade de, por exemplo, escultores e cirurgiões plásticos.

Em todos estes domínios se lida de uma maneira ou de outra com questões de simetria, proporção e harmonia e estas são obtidas por unidades de medida antropomórficas, ou pelo menos por derivações destas. Hoje aplica-se a unidade de sete cabeças e meia, depois de terem sido utilizados o dedo médio da mão, a mão toda, o nariz, a clavícula e a coluna vertebral para calcular os equilíbrios do corpo – as ocidentais e contemporâneas sete cabeças e meia correspondem a 19 dedos egípcios na Antiguidade. Leonardo Da Vinci comprovou que umas partes da nossa fisionomia correspondem morfometricamente a outras, e assim se obteve a chamada “regra de

ouro”, proporção métrica universal cuja fórmula matemática é $b_2 = a(a+b)$. O perímetro torácico é igual a metade da estatura mais três centímetros, medido acima dos seios. O seu aspecto fisionómico é o de um hexágono, tendo como limites o plano horizontal que passa pelos acrómios e aquele que rasa o bordo inferior do músculo grande peitoral, bordo este que está a duas cabeças de distância do vértex. Os mamilos formam com a base do pescoço um triângulo equilátero e com o umbigo um triângulo isósceles. Da base do pescoço até aos olhos outro triângulo surge, por simpatia. E porque estamos constantemente em relação com o meio, a geometria do corpo conecta-se com as formas existentes à nossa volta. Aliás, o Partenon, um ex-libris da arquitectura, foi edificado tendo como modelo a própria figura humana, e assim se foi fazendo até aos nossos dias. São muitas as linhas que vão invisivelmente do nosso corpo até aos demais. O torso, as mãos, os dedos e os pés de Mário Laginha são um com o teclado, os pedais, os martelos interiores e as cordas percutidas do piano.

Tudo o que existe, seja o que foi gerado pela natureza como o que nós mesmos construímos, está ligado entre si, e é isso que “Espaços” demonstra com os seus planos vectorizados, sobrepostos ou transversais. Na música de Laginha lida-se sobretudo com processos de



transformação estrutural progressiva, e neste aspecto é exemplar o modo como este grande senhor da música portuguesa trata, apoiado por Bernardo Moreira no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria, as clássicas estratégias do contraponto, adoptando inclusive o formato da fuga de Bach. Consiste este na apresentação de um tema (o “anterior”) por uma voz, a que se sucede imediatamente uma resposta dada por outra voz (chamada “consequente”), mas já com a primeira a expor por baixo um contratema até finalmente emergir e outra fórmula surgir logo depois, subterraneamente, por reacção, ganhando

estas camadas a pouco e pouco uma variedade e uma complexidade que são um desafio à perícia e à imaginação criativa dos instrumentistas. Pura arquitectura, em suma, e com sincopação de jazz porque só os muros não têm ritmo. Mas desses só sabem Walter Ulbricht (o líder da Alemanha de Leste que mandou construir o Muro de Berlim) e George W. Bush (o presidente americano que quer travar o fluxo de emigrantes mexicanos), que não são nem músicos, nem arquitectos...

RUI EDUARDO PAES

Crítico musical, ensaísta, editor da *jazz.pt*

Mário Laginha nasceu em 1960. A sua “casa” é o jazz, mas recusa encerrar-se lá dentro. Na sua música podemos encontrar um pouco de quase tudo, porque não fecha as portas a quase nada. Mário Laginha procura em vários lugares o material para construir o seu próprio universo musical. Muito mais do que misturas, há assimilação. O que se pode ouvir, no final, é... música.

A sua carreira tem sido construída ao lado de outros músicos, de uma forma constante e intensa. E com raras excepções: o primeiro disco a solo, *Canções e Fugas*, é editado em 2006. Mário Laginha usa com virtuosismo e rigor a técnica clássica para compor seis fugas, cada uma antecedida por uma canção na mesma tonalidade, seguindo o esquema dos prelúdios e fugas de Bach. Não há revivalismos: as suas composições têm uma sonoridade contemporânea, muito inspirada, apesar de notoriamente complexa.

Para Mário Laginha, fazer música é sobretudo um acto de partilha. E tem-no feito com personalidades musicais fortes.

O duo privilegiado com a cantora Maria João resulta num dos casos mais consistentes e originais da actual música portuguesa. Mais uma vez, o jazz funciona aqui como uma rede, mas sem amarras: há ecos africanos, brasileiros, indianos, da música tradicional portuguesa, pop, rock, clássico... Mas a sua música não é uma síntese de influências. Estas funcionam apenas como ferramentas para compor e interpretar, revelando-se num estilo muito próprio. A parceria de Mário Laginha com Maria João resultou numa dezena de discos

e na participação em alguns dos mais importantes festivais de Jazz do mundo: Festival de Jazz de Montreux, Festival do Mar do Norte, Festival de Jazz de San Sebastian, Festival de Jazz de Montreal...

Com Bernardo Sassetti é partilhado o mesmo instrumento: uma formação pouco frequente na área do jazz, que ganha com o facto de ambos construírem um universo único, à volta das suas próprias composições. Com muito em comum, e também com acentuadas diferenças, conseguem um equilíbrio invulgar. Juntaram-se pela primeira vez em 1998 e gravaram desde então dois álbuns.

Pedro Burmester (com quem também tem um disco gravado) tem sido a sua principal ponte com a música clássica, desde finais dos anos 80. Laginha leva a sua bagagem musical para um repertório do século XX, oferecendo-lhe um forte sentido rítmico. Sem improvisações, porque também sabe ser fiel à partitura.

Criou o Trio de Mário Laginha com o contrabaixista Bernardo Moreira e o baterista Alexandre Frazão. Esta é talvez a formação que mais próxima está do jazz, ainda que não com um estilo convencional.

A sua carreira leva mais de 20 anos: foi um dos fundadores, em 1984, do Sexteto de Jazz de Lisboa e criou o Decateto de Mário Laginha (1987). A sua personalidade musical era já muito evidente no disco *Hoje* (1994) – o primeiro que assinou com o seu nome.

Uma sólida formação clássica – fez o Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional (terminado com a classificação máxima) – deu-lhe

ferramentas para evoluir como intérprete e compositor, desenvolvendo uma identidade própria. É isso que lhe tem permitido escrever para formações tão diversas como a Big Band da Rádio de Hamburgo, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmónica de Hannover, o Remix Ensemble, o Drumming Grupo de Percussão e a Orquestra Nacional do Porto. Compõe também para cinema e teatro.

Com uma grande criatividade, enorme solidez rítmica e uma imensa riqueza harmónica e melódica, Mário Laginha tem estado ao lado, no palco ou em estúdio, de músicos excepcionais, como Wolfgang Muthspiel, Trilok Gurtu, Gilberto Gil, Lenine, Armando Marçal, Ralph Towner, Manu Katché, Dino Saluzzi, Kai Eckhardt, Julian Argüelles, Steve Argüelles, Howard Johnson, Django Bates.

Alexandre Frazão é natural de Niterói, Rio de Janeiro. Vive em Portugal desde 1987. Estudou com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach. A sua actividade profissional tem sido predominantemente orientada para o jazz e para a Música Improvisada. Já colaborou e colabora com inúmeros artistas do panorama nacional e internacional. Na área do jazz: Maria João e Mário Laginha, Bernardo Sassetti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Carlos Barretto, Ficções, Dave O’Higgins, Perico Sambeat, Jon Freeman, Mark Turner. Noutras áreas: Resistência, Pedro Abrunhosa, Rui

Veloso, Ala dos Namorados, Nuno Rebelo, Rão Kyao, Júlio Pereira, Joel Xavier e Tim Tim por Tim Tum com Jim Black.

Alguns discos que melhor representam o seu estilo são *Nocturno* de Bernardo Sassetti, *Filactera* de Mário Delgado, *Undercovers* de Maria João e Mário Laginha, *Tempo* de Pedro Abrunhosa, e os DVDs de Rui Veloso, *O Concerto Acústico*, e Ala dos Namorados, *Ao Vivo no S. Luiz*, tendo ainda participado em mais de trinta discos de outros artistas.

Em 2002 fundou o Trio TGB (Tuba, Guitarra, Bateria) com Mário Delgado e Sérgio Carolino, daí resultando o disco homónimo do grupo, que contém músicas da sua autoria.

Tem participado em inúmeros festivais de jazz nacionais e estrangeiros com alguns dos artistas citados – sendo de frisar Jazz em Agosto, Festival Europeu do Porto, Jazz em Serralves e Festival Internacional de Macau – e também em diversos concertos isolados em França, Alemanha, Espanha, Brasil, China, Bélgica, Dinamarca.

Actualmente faz parte do grupo de baterias Tim Tim por Tim Tum e do grupo de tributo aos Led Zeppelin – Led On.

Bernardo Moreira começou os seus estudos musicais com 16 anos, tendo frequentado a Academia dos Amadores de Musica de Lisboa e estudado com Fernando Flores, Niels Oersted Pederson, Rufus Reid e Reggie Workman. No final da década de 80

tocou em vários clubes de Jazz em Portugal e no estrangeiro, com músicos como Eddie Henderson, Norman Simmons, Al Grey, John Stubblefield, Carl Burnett e Frank Lacy. Entre 1991 e 1992, tocou com Daniel Humair e o trombonista Yves Robert no Festival Internacional de Jazz de Lisboa; com Valery Ponomarev em Madrid; com o seu grupo Moreiras Quinteto em Espanha, França, Angola, Moçambique e África do Sul. Com o Quarteto de Mário Laginha apresentou-se na Europália (Belgica e Luxemburgo). Com este músico e com Julian Argüelles fez nessa altura uma tournée em Inglaterra. Tocou com os lendários Benny Golson, Curtis Fuller, e Eddie Henderson numa série de concertos de homenagem a Art Blakey. Em 1993 realiza uma *tournee* nos Estados Unidos com os Moreiras Quinteto e o vibrafonista Steve Nelson, tocando no The North Carolina International Jazz Festival. Participa em concertos com Norma Winstone e Conrad Herwig e faz vários espectáculos em Espanha com o lendário Art Farmer, Ricky Ford e a cantora italiana Maria Pia de Vito. Realiza ainda concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa como solista convidado. Nos anos seguintes destaca-se a gravação do CD *Luandando* com Freddie Hubbard para além de concertos e gravações com os saxofonistas Steve Slagle e Rick Margitza. Entre 1996 e 1997 participa no Festival de Jazz de Serralves, com o Quarteto de Enrico Rava; no Festival de Jazz da Gulbenkian, com a Big Band do Hot Club e a cantora Maria João e no Jazz Num Dia de Verão, com o Moreiras Quinteto. Para além disso efectuou

vários concertos no país com Rich Perry, Jimmy Owens, Bruce Barth e Phil Markowitz. Os anos de 1998 e 1999 são particularmente movimentados com concertos na Dinamarca, Espanha, Itália, Bulgária, Angola, Alemanha, Costa do Marfim e Açores tocando com Moreiras Quinteto, Phil Markowitz, Ana Paula Oliveira e Bruce Barth. Na Culturgest, participa na homenagem a George Gershwin com Moreiras Septeto interpretando *Porgy and Bess*. No Festival de Jazz de Guimarães integra a All Star Big Band dirigida por Michael Gibbs com músicos como Perico Sambeat, Mário Laginha, João Moreira, Nguyen Lê, Martin France e Julian Arguelles. No Jazz em Agosto de 99 no Acarte, com a Big Band do Hot Club participa numa homenagem a Duke Ellington ao lado do convidado Mark Turner. No último ano realizou digressões com Benny Golson e Big Band do Hot Club Portugal, para além de ter apresentado o seu novo projecto musical *Homenagem a Carlos Paredes* no Festival de Jazz de Coimbra em Novembro do ano 2000. Ainda nesse ano participa na apresentação da suite *Viagens* integrando o septeto de Pedro Moreira no Festival de Jazz de Guimarães e na Culturgest em Lisboa.

Entre os seus projectos mais recentes conta-se a edição do disco *Lisboa que adormece*, em duo com a cantora Paula Oliveira.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA SEX 29 JUNHO

José Miguel Wisnik

Com Ná Ozzetti, Jussara Silveira e Arthur Nestrovski

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

Poucas figuras realizam como José Miguel Wisnik uma certa mistura caracteristicamente brasileira de “alta” e “baixa” cultura, no campo da canção popular. Reconhecido internacionalmente como ensaísta na área da literatura, o professor da Universidade de São Paulo é também autor de canções interpretadas por artistas como Maria Bethânia, Gal Costa, Zélia Duncan ou Djavan, foi parceiro de Gaetano Veloso na banda sonora do espectáculo de dança *Onçotô*, do Grupo Corpo, e de Chico Buarque na canção *Embebedado*, e escreve música para teatro e cinema.

Neste concerto, o pianista e cantor vem acompanhado de duas vozes de destaque na cena brasileira actual: Ná Ozzetti, de São Paulo, e Jussara Silveira, da Baía. Os três são acompanhados pelo guitarrista e compositor Arthur Nestrovski, também professor univer-



sitário e escritor, como Wisnik, pelo baixista Swami Jr., director musical da grande cantora cubana Omara Portuondo, e pelo percussionista Sérgio Reze, que toca regularmente com muitos artistas de ponta como Mónica Salmaso e Paulinho da Viola.

O repertório que vêm apresentar inclui apenas canções de Wisnik, retiradas dos seus três discos a solo e do novo disco que será gravado este ano. Entre outras: *Inverno* e *Primavera*, compostas para o Teatro Oficina, de Zé Celso Martinez Corrêa, *Nossa Canção*, parceria com Guinga, a inédita *Tenho Dó das Estrelas*, sobre poema de Carlos Drummond de Andrade e *Mortal Loucura*, sobre poema de Gregório de Matos.

Cada uma traz as marcas daquela combinação singular de poesia e música – harmonias incomuns, ritmos inesperados, desenhando melodias de palavras – que define a nova canção do Brasil.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Teresa Nunes ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Iluminação de Cena

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos



Trienal de Arquitectura de Lisboa
Lisbon Architecture Triennale 2007